

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

ELIZANDRA DAS GRAÇAS LUIZ VILPERT

**ESCOLA, EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: A IMPLANTACÃO DA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA LUIZ LAZZARIN (RIO MAINA-CRICIÚMA 1974)**

CRICIÚMA

2016

ELIZANDRA DAS GRAÇAS LUIZ VILPERT

**ESCOLA, EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA LUIZ LAZZARIN (RIO MAINA-CRICIÚMA 1974)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (a) Dra. Marli de Oliveira Costa.

**CRICIÚMA
2016**

ELIZANDRA DAS GRAÇAS LUIZ VILPERT

**ESCOLA, EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: A IMPLANTACÃO DA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA LUIZ LAZZARIN (RIO MAINA-CRICIÚMA 1974)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História da Educação.

Criciúma, 7 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Marli de Oliveira Costa - Doutora -UNESC - Orientadora

Prof.^a Cintia Gonçalves Martins - Especialista - UNESC

Prof.^o Ismael Gonçalves Alves - Doutor - UNESC

Dedico este trabalho à memória de meu pai, Jovelino Raimundo Luiz, pelo exemplo, caráter, cuidado, dedicação à família e por sempre confiar em mim. E pelo incentivo no momento em que decidi correr atrás dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Rosa pelo carinho e pelas palavras de conforto durante os períodos difíceis em que passei. Aos meus irmãos que compreenderam minha ausência muitas vezes.

Em especial ao meu esposo Joel Vilpert, pelo amor, carinho, companheirismo, e aos meus filhos Carlos Eduardo e Fernando que tiveram muita paciência e compreensão durante estes quatro anos.

As minhas amigas Ana Leticia, Jucilene, Gabriela e Monique pelo aprendizado que compartilhamos, pelo apoio, amizade, e por fazerem parte da minha vida.

Agradeço as pessoas que atenciosamente me receberam em suas residências disponibilizando entrevistas, permitindo assim que trabalhasse com a sua história. Histórias diferentes, cada uma com suas especificidades rememoradas e narradas com muita emoção.

A minha orientadora Prof. Dra. Marli de Oliveira Costa, pela oportunidade concedida, pelos seus ensinamentos e dedicação durante toda a graduação. Enfim agradeço a todos/as que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

“Esquecer também é uma das faces do campo da memória, portanto, estudar o que é esquecido e o que é lembrado parece fundamental para entender o presente”

Marieta de Moraes Ferreira

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC aborda a história da fundação da E. E. B Luiz Lazzarin no ano de 1974 em Rio Maina, Criciúma - SC. O objetivo do trabalho é compreender os processos que envolveram a criação da escola. A metodologia utilizada foi análise documental e a história oral. As principais categorias de análise são: cultura escolar, memória e identidade. E também, a história da mineração e da constituição do bairro Rio Maina. Percebe-se que a construção desse educandário se deu devido à mobilização da comunidade e a participação efetiva da mineradora, Companhia Carbonífera Catarinense.

Palavras-chave: Memória, Cultura Escolar, História da Educação, Escola de E. E.B Luiz Lazzarin.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartografia Bairro Rio Maina I.....	17
Figura 2 - Cartografia Bairro Rio Maina II.....	17
Figura 3 - Rio Maina em dia de festa religiosa em 1940.	20
Figura 4 - Cia Carbonífera Rio Maina, pátio de escolha do carvão	22
Figura 5 - A principal via de Rio Maina: Avenida dos Imigrantes em 1986.	23
Figura 6 - Documento de Declaração de doação de terreno.....	28
Figura 7 - Documento condições de implantação da escola.	31
Figura 8 - Documento Reportagem de inauguração da foto do patrono realizada na própria escola.....	33
Figura 9 - Documento Verso escrito pela professora Zenaide Savi Mondo Stradiotto.	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

SC – Santa Catarina.

E. E.B – Escola de Educação Básica.

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

CNMC – Comissão Nacional de Moral e Civismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A COMUNIDADE DE RIO MAINA DENTRO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO EUROPEIA.....	16
2.1 A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	18
2.1.1 Rio Maina com a abertura de minas de carvão.....	21
3 CONTEXTO E MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA	25
3.1 OS DOCUMENTOS ESCOLARES COMO RELICÁRIO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO	25
3.1.1 A comunidade consolida outro educandário.....	26
3.1.2 Quem foi Luiz Lazzarin: um pouco da biografia do patrono	32
4 A ESCOLA NAS LEMBRANÇAS DE EX-PROFESSORES/AS E ALUNOS/AS ..	36
4.1 MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: SIGNIFICADOS E EXPERIÊNCIAS	36
4.1.1 Sobre as práticas pedagógicas.....	38
4.1.2 Dias de festa na escola	39
4.1.3 Castigos e avaliações nas lembranças dos ex-alunos/as	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC aborda os processos que envolveram a criação da escola de Educação Básica Luiz Lazzarin no Bairro do Rio Maina Criciúma – SC em 1974.

A motivação do estudo surgiu devido aos Estágios Supervisionados I, II, e III terem sido realizados nessa Instituição no segundo semestre de 2014, e no primeiro e segundo semestre de 2015. Sendo também que a mesma faz parte da história da formação educacional de minha família. Quando identifiquei ausência de registros históricos sobre esse educandário, minha motivação em realizar tal pesquisa aumentou, pois compreendo a importância de salvaguardar a memória e a história da educação.

O problema do TCC busca responder: a escola pode ser um lugar de memória? Como alcançar as memórias de um educandário? Que relações essas memórias explicitam?

Na pesquisa percebi alguns conflitos e tensões, bem como as lembranças dos processos que impulsionaram a construção da escola. Assim, por meio do registro dessas reminiscências, as novas gerações passarão a conhecer como era estar aluno/a ou professor/a na escola da comunidade do Bairro do Rio Maina no ano de 1974. Bem como, saber como se deu o processo de sua construção.

Podemos postular, que desde cedo devemos compreender que todos fazem parte da história, seja ela local ou regional, e é importante despertar o interesse para a valorização dos Patrimônios Culturais locais.

O trabalho tem como objetivo geral compreender os processos que envolveram a criação da escola de Educação Básica Luiz Lazzarin (1974). Para complementar o objetivo geral foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: conceituar Cultura Escolar; mostrar o momento social e histórico da comunidade a qual pertence escola em 1974; identificar como se deu o processo de construção da Escola de Educação Básica Luiz Lazzarin; mostrar o cotidiano da Escola em 1974 envolvendo as relações entre professores, alunos e comunidade.

Utilizei a metodologia de História Oral, sendo essa metodologia entendida como “um recurso moderno usado para elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos” (MEIHY; HOLANDA, 2007 p.17).

Como historiadores/as podemos investigar a memória voluntária acessando as lembranças e transcrevendo-as. A metodologia da história oral nos convida a escuta de narrativas, pois as vozes dos protagonistas nos conduzem as suas experiências. No caso, dessa investigação as entrevistas trouxeram para o tempo presente memórias do convívio dessa Instituição, seja na sala de aula, no recreio ou nos espaços entorno da referida comunidade.

Nesse sentido, a metodologia da história oral, além de pertencer ao campo da educação e a área das Ciências Humanas, é uma atividade comunicativa. Por meio dela repassam-se costumes, valores e tradições.

Nesse estudo, usa-se a história oral temática compreendendo que “[...], por natureza, a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas.” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.38).

Sobre a História Oral Temática, pode-se afirmar com base no que diz os autores acima ainda dialogando que: “então, o grau de atuação do entrevistador como o condutor dos trabalhos fica muito mais explícito e é orientado pelos recursos dados pela sequência de perguntas que devem levar ao esclarecimento do tema” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.39). Nesse sentido, o entrevistador da História Oral Temática conduz as entrevista, tendo um conhecimento prévio do tema. Para esse estudo foram entrevistadas as seguintes pessoas: Quatro ex- alunos/as: Rosélia Ugioni da Silva, Alzelia da S. Back, Arilto da Silva, Defendi Croti. Bem como, as professoras: Teresinha Manenti Madeira, Zenaide Savi Mondo Stradiotto, entrevistei também a primeira diretora Nanci Meller Ronchi.

Também foi realizada análise documental, do acervo da própria instituição como: Relatório Anual, histórico da escola, recortes de jornais da época entre outros. Nesse viés os documentos sejam impressos ou manuscritos “estão sujeitos à identificação e à análise de diferentes olhares, sob variadas abordagens, em temporalidades distintas, e permitem aos historiadores uma reinvenção do passado” (SAMARA; TUPY, 2010, p.18) bem como, uma aproximação parcial dos acontecimentos e vestígios de uma determinada época.

Esse estudo alcança a tendência historiográfica denominada História Cultural. Sobre a história cultural, pode-se afirmar com base no que diz (CHAVES, 2006) que “pela história cultural os pesquisadores na área da história da educação começam a entender as disciplinas escolares do ponto de vista sociocultural, o que implica analisar as práticas escolares enquanto práticas culturais”.

Segundo Miriam Chaves, mediante da historia cultural, “que as disciplinas escolares deixam de ser compreendidas apenas segundo a sua constituição formal e passam a ser vistas a partir de suas condições de produção desenvolvida no interior da escola” (CHAVES, 2006, p.75). Tal como, compreender por meio dessa análise como aconteciam as relações entre professores, alunos e comunidade, na escola aqui pesquisada. Tatiane Virtuoso ao estudar uma das escolas municipais de Criciúma coloca:

Estendendo o olhar para além da escola, isto é sobre as famílias do bairro, podemos pensar em sua interação com a escola, em momentos como reuniões escolares, ou nas lutas pelos melhoramentos dos vários espaços escolares nos quais a escola transitou. Com isso, além de reforçar, junto aos leitores, uma visão mais ampla sobre comunidade escolar. (VIRTUOSO, 2010, p.12).

As categorias de análise utilizadas são: cultura escolar, memória, e identidade. A respeito da cultura escolar, Chaves (2006) coloca, como uma nova perspectiva acerca da análise sociológica estruturalista que definia a escola com base de seus condicionantes externos. Portanto, para a autora a cultura escolar:

Vai aos poucos ser substituído por um novo olhar que procura entre outros aspectos privilegiar o próprio ambiente escolar. Se antes a historiografia produzida pela história da educação constituía-se de estudos no âmbito das políticas educacionais e do pensamento pedagógico, com a conversão desse olhar passa a interessar-se mais pelo trabalho escolar que é desenvolvido no interior das salas de aula. (CHAVES, 2006, p.75).

Nesse viés ao se referir ao conceito de cultura escolar Chaves apoiado em Dominique Julia coloca: “esta é justamente a função dessa história da educação escolar: abrir a caixa preta da sala de aula e buscar compreender o que acontece no seu interior” (JULIA, apud, CHAVES, 2001, p.76).

Nesse sentido, os entrevistados/as tiveram participação importante, contribuindo com algumas informações, dentre as quais como era o cotidiano e as relações entre escola e comunidade “as falas dos sujeitos que viveram e agora contam suas memórias escolares aparecem como um mosaico que, aos poucos, delineia as lutas por novos espaços educacionais.” (VIRTUOSO, 2012, p.17). Pois essa é uma abordagem da Cultura Escolar, onde a escola e a comunidade tornam-se o objeto de pesquisa.

a cultura escolar vem sendo abordada por muitos autores que têm procurado definir, caracterizar, expressar essa perspectiva de entendimento relativa às questões do universo da escola e dos sujeitos que nela

convivem. Procuram-se as temáticas da escola partindo do interior dela, ou seja, do diálogo com o que efetivamente acontece e não apenas com as determinações estruturais, governamentais, legais (PAIM; RABELO; COSTA, 2012, p.10).

Assim, concorda-se com Chaves quando afirma: “Por essa ótica, a cultura escolar emerge como um dos objetos privilegiados, e a escola, interpretada a partir de seu cotidiano, transforma-se em um espaço vivo e dinâmico, mas ainda muito pouco explorado.” (Faria Filho et al., apud. CHAVES. 2004 p.76).

Outra categoria trabalhada nesse estudo é a memória. Segundo o autor, Edgar de Decca, “hoje, numa época onde a memória coletiva foi sequestrada pela irreversibilidade do tempo histórico, resta redescobrir os lugares onde esta memória coletiva se preservou.” (DE DECCA apud, NORA, 1991, p.130). A escola armazena grande parte da memória social em virtude de seu cotidiano e de sua temporariedade.

Nesse viés, cada grupo social e cada indivíduo que viveu em uma determinada cultura, tem um olhar diferenciado referente à memória coletiva, ou seja,

[...] toda a lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma maneira ao contexto social mais amplo reafirmando sua tese de que “nunca estamos sós” reconstruímos o passado a partir dos quadros sociais do presente-a memória esta no grupo por meio das lembranças conscientes, em um tempo socialmente referido, e no lugar social que ocupamos no momento do relato (BRANDÃO, 2005, p.28).

Portanto, outra questão referente a essa memória, seria de que, a “memória coletiva depende do poder social do grupo que a detém, porque, na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós (FERREIRA, 2012, p.175, apud, HALBWACHS). Assim, pode-se diferenciar o núcleo da imaginação coletiva, e a influência do grupo social que as instituiu.

Para tanto, a escola guarda essas memórias “sequestradas”, através das lembranças de pessoas, que de certa forma, fizeram parte de sua história, bem como está presente também na arquitetura física do prédio escolar, que constitui o lugar de guardador da memória escolar e os documentos escolares que sobreviveram as práticas do descarte. .

De Decca constata que “a passagem da memória á história impôs a cada grupo a obrigação de redefinir a sua identidade para a revitalização de sua própria história” (DE DECCA, apud NORA, 1991, p.132).

Para guardar suas histórias, construíram-se os lugares de memória aqueles que, “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.” (DE DECCA, 1993, p.13), pois a velocidade do tempo nos faz esquecer ou ignorar o passado.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal é serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993,21-22).

Para Nora, esses lugares de memória são lugares que têm a função de alicerçar memórias coletivas, bem como, estes são simbólicos no qual essa memória coletiva e perceptível se manifesta. Por isso, esses lugares são carregados de uma “vontade de memória”.

Narrativas contadas por sujeitos traçam caminhos da construção de um lugar de lembranças, em que os momentos marcantes sejam bons ou ruins retratam a história de cada um. Desse modo, a escola se apresenta como um desses locais. As lembranças estão presentes na memória dos sujeitos que vivenciaram na escola a mesma história de vida. Cada grupo seja aluno, aluna, professor ou professora, conta ao seu modo suas lembranças de rememoração. Isso mostra que a memória social e a individual são seletivas, as histórias podem não se repetirem.

Portanto, nesse contexto percebe-se a oposição de história e memória. Dessa forma, compartilhamos com as idéias de Pierre Nora (1993) ao afirmar que memória e história se opõem. Seguindo o mesmo raciocínio, ele diz que, desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente;

a história uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea. (NORA, 1993p. 14).

A memória seria, assim, um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente e a história uma representação do passado (NORA, 1993).

O trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo: “A Comunidade de Rio Maina dentro do processo de Imigração Européia”. É feita uma contextualização da história do Bairro onde a Escola esta situada.

No segundo capítulo: “Contexto e mobilização da comunidade para a construção da escola”. Busca-se identificar como se deu o processo de reivindicação do prédio para a construção da instituição, por meio de apelos da comunidade do Bairro feitos ao Estado, bem como, o momento social e histórico que estava inserida. Esta ação só foi possível com a doação do terreno onde foi construída a Instituição de Ensino.

O terceiro capítulo: “A escola nas lembranças de ex-professores/as e alunos/as”. Apresento as lembranças da instituição pelo olhar dos professores/as e alunos/as. Conhecer o cotidiano e as relações que se tinha em 1974. Nesse sentido, ofereço visibilidade às memórias da comunidade escolar, enfatizando as lembranças e as experiências vividas por estes.

2 A COMUNIDADE DE RIO MAINA DENTRO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO EUROPEIA

Um prédio escolar, situado em um bairro, paredes desgastadas pelo tempo. Em seu interior talvez guardados documentos, fotografias e objetos de outros tempos. Alguns nomes registrados nos documentos indicam sujeitos que passaram por ali na condição de aluno ou aluna, de professor ou professora. Outros documentos ainda registram a participação dos pais e outras pessoas que de várias formas ajudaram a construir esse local, como um lugar de educação escolar. Pergunto-me então: Como esse educandário passou a ser uma necessidade para essa comunidade?

Esse capítulo apresenta o processo de constituição da Região de Rio Maina, em Criciúma, território onde se localiza a EEB Luiz Lazzarin buscando mostrar que a necessidade da construção desse educandário passou pelo processo de instalação das Companhias Carboníferas. Para tanto, em um primeiro momento mostra-se a ocupação do território por imigrantes europeus e seguem-se as mudanças ocorridas com a mineração.

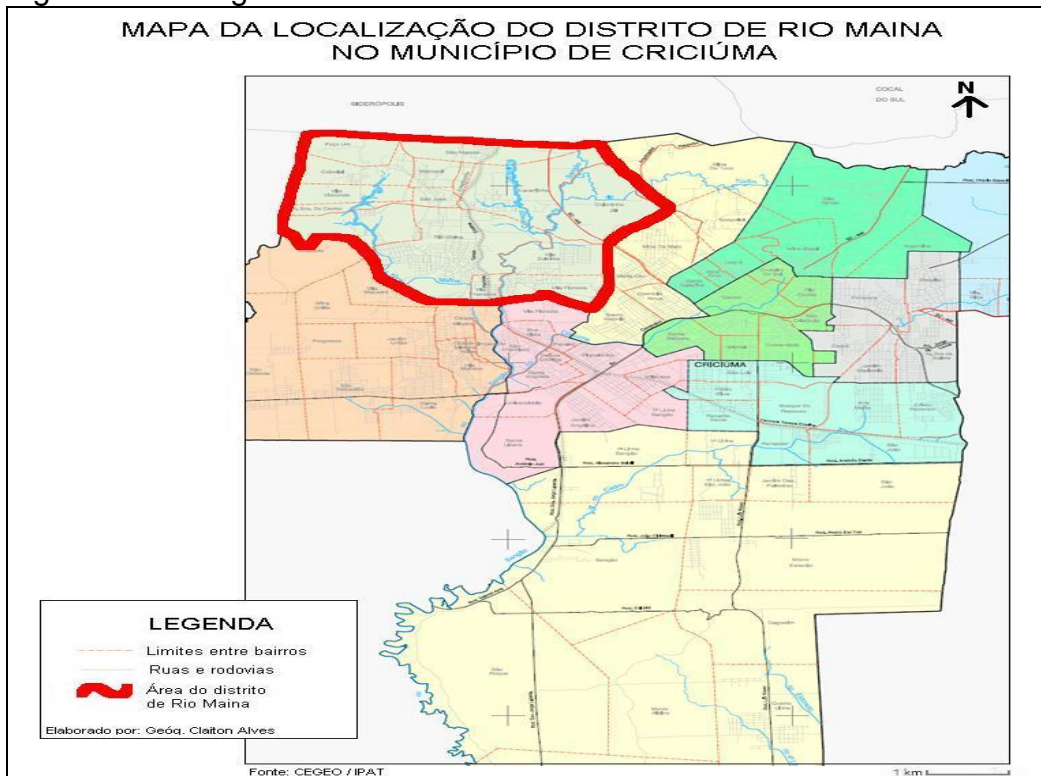
O bairro do Rio Maina pertence ao município de Criciúma, portanto quando se procurou saber a respeito dessa localidade foram encontradas algumas especificidades que dizem respeito à ocupação desse território e a forma de organização. Rio Maina situa-se ao oeste do município de Criciúma, como aponta as cartografias a seguir.

Figura 1 - Cartografia Bairro Rio Maina I.



Fonte: CEGEO/IPAT.

Figura 2 - Cartografia Bairro Rio Maina II.



Fonte: CEGEO/IPAT.

A escola de Educação Básica Luiz Lazzarin situa-se no distrito de Rio Maina – Criciúma - SC, na Rua Luiz Caroli S/N e pertence à rede Estadual de Ensino público.

2.1 A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A ocupação do território denominado Rio Maina deu-se no fim do século XIX, durante o processo de imigração européia para fundação do “Núcleo São José de Cresciúma”. Quanto aos motivos dessa imigração, Zulmar Hélio Bortolotto (1992) baseando-se nas pesquisas de Zuleika Alvim constata que a miséria assolava o campo na Itália. Os imigrantes que vieram para o Brasil eram agricultores que viviam em situações precárias. Entretanto, incentivados pela propaganda feita na Itália pelos agentes recrutadores pagos pela Companhia Metropolitana, os imigrantes se desfaziam do que tinham para tentar uma vida nova.

A Historiadora Lucy Cristina Ostetto ao se referir as propagandas acerca da vinda dos imigrantes para o sul de Santa Catarina, baseia-se no trabalho de Roselys dos Santos que diz que “jornais panfletos e propagandas” dava a essas pessoas noção a respeito de como seria a América pensada por muitos como um lugar de muitas riquezas. Roselys dos Santos destaca que:

houve um investimento muito grande, por parte das companhias, em contratar os chamados agenciadores, pessoas do local que se encarregavam de distribuir as propagandas, panfletos sobre as vantagens de emigrarem para a América.” (OSTETTO apud, SANTOS, 2014, p.24).

Quanto às motivações que impulsionaram a imigração, (BORTOLOTTI, 1992) menciona ainda que fosse, a ocorrência do modo de produção capitalista no campo, e a industrialização muito lenta, que não permitiam absorver a mão de obra excedente. Em acordo, o Brasil acertou algumas medidas com o governo italiano como oferecer ao imigrante terras e ferramentas a valores de baixo custo, as terras deveriam ser pagas por um período longo de tempo.

Os imigrantes que vieram ocupar as terras de Rio Maina chegaram ao Brasil em quatro de novembro de 1890, depois de trinta e seis dias em alto mar, desde seu embarque. Para entender melhor, como foi sua chegada (RONCHI, 1990, p.3) coloca por meio do relato do Sr. Carlos Colombo:

Quando chegaram em Imbituba, havia um emissário para acompanhar o imigrante na trajetória da caminhada, recordada como sendo de Azambuja á Urussanga, onde já haviam se estabelecido algumas famílias de imigrantes com uma vilazinha insignificante de casas(du o tré cassetete); neste local tiveram o primeiro pernoite para descanso, embaixo de uma árvore.

Ronchi, (1990) diz que ao amanhecer um pequeno grupo formado por sete famílias seguiram caminhada rumo a oeste, seguindo o curso do rio Caeté, Beluno, após longa caminhada chegaram ao lugar denominado de Nova Veneza, onde permaneceram por alguns dias, mas especificamente até quinze de novembro de 1890. Logo algumas famílias levantaram acampamento seguindo de volta para o leste, onde posteriormente, tomarem como curso o nascedouro de um rio, ao sul.

Com a ideia de formar uma nova vila, que, por conseguinte se denominaria por conta do curso d'água de Rio Maina. Em meio ao cansaço pela derrubada de madeira, entre idas e voltas era assim que se referiam ao rio que saciava a sede: "Na´den lá em Rio Manhá" em linguajar "Bergamasco"¹ do imigrante referindo-se ao novo lugar que remete a: "Vamos ao Rio Mainá", e assim foi denominado o nome do lugar, e ali construíram suas moradias. (RONCHI, 1990).

Em 1890, coloca o autor acima, a comunidade se mantinha pelo trabalho agrícola. O que se plantava era para sua subsistência, como por exemplo: milho arroz, mandioca, banana, cana de açúcar entre outros. Com uma saca de milho nas costas e seguindo o curso do rio os imigrantes iam à vila de Crescíuma vender os seus produtos.

Em 1904 Rio Maina ergueu a exemplo de outros locais seu lugar de práticas religiosas, a primeira capela. A foto abaixo mesmo sendo de 1940 retrata a igreja que foi construída em 1904.

¹ Dialeto Bergamasco cuja tradução é "Ná den lá em Rio Manhá"

Figura 3 - Rio Maina em dia de festa religiosa em 1940.



Fonte: www.paroquiasantoagostinho.com.br Acesso realizado dia 06/08/2016.

Segundo Ronchi, a participação da comunidade como um todo nos encontros festivos com músicas e cantarolas eram constantes, as práticas religiosas a todo o momento faziam parte do cotidiano da comunidade do Rio Maina, assim participavam o povo em geral, bem como, também homens que ajudavam na construção da igreja.

Em 1953, fica pronta uma nova igreja, símbolo participativo de toda a comunidade católica da região que substituiu aquela construída em 1904 (localizada na Avenida dos Imigrantes com a Rua João Manenti), agora localizada na abrangência da Avenida dos Imigrantes com as ruas José Colombo, Fioravante Coral e Irmã Emília Chaves (RONCHI, 1990, p.62).

Rio Maina era assim, uma comunidade de pequenos agricultores que viviam o dia a dia, cultivando a cultura que trouxeram da Itália, tentando adaptação nas terras brasileiras. No entanto, como um completo isolamento não ocorre, essa localidade inserida nos processos locais também foi afetada pelas atividades carboníferas.

2.1.1 Rio Maina com a abertura de minas de carvão

Como mencionei acima Rio Maina também sofreu as consequências das atividades Carboníferas que se desenvolveram em Criciúma com a “descoberta do carvão”, pois, “no decorrer do século XX, varias pequenas cidades foram substituindo a agricultura pelas minas de carvão, sendo que os municípios que mais aderiram a esse tipo de economia foram: Lauro Muller, Urussanga, Tubarão, Criciúma, Orleans, Siderópolis e Içara” (CAROLA, 2002, p.15).

Mesmo com o crescimento em torno do carvão e a Atividade Carbonífera predominando, os colonos se dividiam entre o trabalho na roça e a mineração.

[...] as gerações foram se sucedendo para entrar no momento histórico-contemporâneo da descoberta do mineral de pedra (carvão), que aos poucos ia transformando a movimentação da região, ocasionando um fluxo imenso de pessoas no solo, para trabalhar principalmente na extração do carvão (RONCHI, 1990, p.56).

O carvão aflorava em declive nos morros, onde então as minas eram abertas. “A extração ainda era feita com picaretas e cortes de rafa, isto é, uma abertura entre a parede e a pedra de rejeito, que após removido era carregado em vagonetas, posteriormente empurradas até a caixa de embarque.” (RONCHI, 1990, p.57).

Em Rio Maina destacavam-se as Companhias mineradoras: Carbonífera Catarinense e Carbonífera Metropolitana.

Figura 4 - Cia Carbonífera Rio Maina, pátio de escolha do carvão.



Fonte: Cedoc Unesc.

Diante das necessidades das Atividades Carboníferas, estradas foram abertas em meio à mata virgem para o transporte do mesmo, sendo que o trecho ferroviário que ligava Criciúma à Siderópolis ficou pronto em 1944. Dois anos após em 1946 Santa Catarina assumiu a liderança na produção nacional do carvão, até então liderada pelo Rio Grande do Sul, e Criciúma recebeu o título de a “Capital do Carvão.” (CAROLA 2002).

Segundo o autor acima, foi em 1940 que surgiram grande parte das Companhias de Mineração, seria a década de ouro para a indústria Carbonífera Catarinense, por isso o discurso que se tinha era de enaltecer Criciúma como a “Capital brasileira do Carvão.”

Enquanto na região havia o discurso do progresso em torno do carvão, Rio Maina sofria com essa extração, pois a atividade destruiu aos poucos seu rio e o ambiente natural.

Os efeitos da extração do carvão foram catastróficos para a região. As águas ácidas geradas nas galerias com a corrosão misturada dos rejeitos expostos foram tomando por completo os cursos dos riachos e destes ao

longo do Rio Maina. Aos poucos a vida ecológica foi morrendo e chegando ao abismo da fatalidade, que além da queima em combustão dos rejeitos jogados ao arbítrio da ignorância humana, a região conseguiu chegar a um estado insuportável para se viver. (RONCHI, 1990, p.59-60).

Assim a água límpida do rio que denominou o lugar de Rio Maina, se transformou em ácida pelos rejeitos piritosos em consequência das minas de carvão, junto da ação de sujeitos que não tinham presente a noção de discurso ecológico, para eles a natureza era renovável se hoje se explora amanhã se recupera, sendo assim assolaram além de tudo, o que a natureza levou milhões de anos para gerar.

Figura 5 - A principal via de Rio Maina: Avenida dos Imigrantes em 1986.



Fonte: Flávio Ronchi.

Essa imagem ilustra como esse tipo de progresso trouxe sérios problemas para o Rio Maina. A poluição adentrou o centro, os caminhões substituídos dos carros puxados por bois poluíram ainda mais o meio ambiente. “Pode-se entender, que na época a produção do espaço urbano ocorreu a partir da ação da Carbonífera Catarinense, que além de ser a principal empregadora possuía as concessões da exploração das terras.” (FERRO, 2010, p.23). Ou seja, muitas pessoas foram atraídas pelas oportunidades de emprego, migrando para Criciúma e região.

Assim o número de habitantes em Rio Maina foi aumentando também, pois, mesmo sendo um trabalho considerado de alto risco, exaustivo, muitas pessoas optavam em massa pelos trabalhos nas galerias das carboníferas que lhes garantia um salário no final de cada mês.

Quanto ao aumento populacional do município de Criciúma e região segundo Carola (2002):

Período de 1930 a 1960 surgiram mais de trinta companhias carboníferas na região Sul de Santa Catarina. A proliferação das minas, juntamente com a grande oferta de emprego, nesse período, foi o fator preponderante na intensificação da corrente migratória e no conseqüente crescimento populacional da região. No caso específico de Criciúma, a população passou de 27.753 em 1940 para 50.854 habitantes em 1950. Ou seja, em apenas dez anos a população quase dobrou. (CAROLA, 2002, p.24).

Segundo o autor, esses números foram retirados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE de 1940 a 1950. Portanto, houve um aumento na população do Rio Maina a partir dos anos de 1950 que passou a ser predominantemente urbana. Nesse sentido, pode-se perceber a importância e poder que as Carboníferas tinham naquela época. Em análise realizada nos documentos escolares percebe-se que a construção da EEB Luiz Lazzarin está relacionada às atividades carboníferas. Evento que ocorreu em 1974.

3 CONTEXTO E MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA

Esse capítulo tem como objetivo perceber como a comunidade do bairro Rio Maina se articulou para conseguir o terreno onde foi construído o prédio da escola Luiz Lazzarin. Para a construção desse conhecimento foram usados, principalmente alguns documentos encontrados no acervo da escola. Dessa forma, esse capítulo aborda em um primeiro momento, discussões em torno do patrimônio escolar, tendo os documentos como relíquias. Em seguida apresento os documentos que apontam para as necessidades da comunidade, a forma de organização e a parceria com a empresa mineradora. Em função dessa parceria mostro por fim a biografia do patrono da escola.

3.1 OS DOCUMENTOS ESCOLARES COMO RELICÁRIO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

O primeiro documento analisado trata-se do Histórico da Escola. A autoria do documento é desconhecida, não possui assinaturas e possui três páginas datilografadas. Sendo que o segundo documento apresenta a declaração de doação do terreno onde se encontra construído o prédio em que funciona a escola. O terceiro documento um relicário da escola é o decreto no qual apresenta as condições de implantação da escola. O quarto documento refere-se a uma reportagem do Jornal Tribuna Criciunense de 1975, que mostra a preocupação do educandário em guardar informações sobre aquele a quem foi dado o nome da escola, Luiz Lazzarin.

Nesse sentido, Eclea Bosi referindo-se a os objetos biográficos de Violete Morin, diz que esses objetos “envelhecem com o possuidor e se incorporam a sua vida (BOSI, 2003, p.26) cada um desses documentos descreve um conhecimento, uma experiência um saber, isto é, um envolvimento afetivo com as lembranças desse educandário e, por conseguinte das pessoas que por ali passaram e foram marcados nos documentos, e que hoje são relicário da escola e da comunidade do bairro Rio Maina.

Logo, deve ser valorizada a utilização de documentos em pesquisas. Pois muitas são as possibilidades de informações que deles consegue-se obter a

importância de sua utilização em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, nos possibilita estender a percepção de objetos de pesquisa cujo o entendimento requer de contextualização histórica.

Nesse cenário, por exemplo, está a reconstrução das histórias em torno do prédio onde esta situada a Escola. Nas palavras de Samara e Tupy:

Uma definição precisa de documento histórico, porem, não apenas varia no tempo e no espaço como também, dependendo do próprio avanço da investigação histórica, demonstra estar em sintonia com os interesses pessoais e identidades culturais de cada pesquisador. Trata-se sem duvida, de uma referencia fundamental, concretizada em objetos, provas, testemunhos, entre outros referenciais, que ao garantirem a autenticidade ao acontecimento, distinguem a narrativa histórica da ficção literária. (SAMARA, TUPY, 2010. P.19).

As autoras Eni de Mesquita Samara e Ismênia Silveira Tupy fazem uma análise sobre o documento na história no qual constata que os “documentos impressos ou manuscritos vinham sendo consideradas, por excelência, as fontes principais de estudos e de pesquisa históricas, sujeitos a identificação a análise em diferentes olhares” (SAMARA e TUPY, 2010, p.18). Elas dizem que tal postura concede a quem pesquisa uma reinvenção dos acontecimentos passados. Recriando assim a procura de explicação para o mundo em que viviam, ou seja, na sociedade em que estavam inseridos. Por isso,

[...] os documentos deviam ser apreendidos como resultado de um trabalho humano que, ao registrar mensagens emitidas por quem o criava, podia traduzir, embora de modo fragmentado, uma aproximação parcial os vestígios de um fato de um acontecimento, de uma experiência vivida. (SAMARA, TUPY, 2010, p.19).

Partindo dessas reflexões abordo a documentação para identificar notícias acerca do educandário pesquisado.

3.1.1 A comunidade consolida outro educandário

As informações contidas no Histórico da Escola referem-se à descrição da necessidade da comunidade do Rio Maina possuir mais uma Instituição de Ensino, pois a mesma até o presente momento (1974) possuía somente a Escola Básica Padre Miguel Giacca. Essa escola atendia alunos de 1ª a 8ª séries do 1º grau e devido às condições físicas serem pequenas em relação à procura de matrícula, não conseguia mais atender a demanda de crianças com idade de escolarização

residente neste bairro. A população na década de 1970 era de 15.400 habitantes, de acordo com documento expedido pelo IBGE no ano de 1974.

Para a instalação de mais uma Instituição, a comunidade do referido bairro mobilizou-se frente à Companhia Carbonífera Catarinense Sociedade Anônima, perante diretoria e principais membros reivindicando um terreno para a construção da escola (HISTÓRICO S/D). O documento não apresenta a forma de mobilização, apenas cita que uma das medidas foi à reunião com a Empresa mineradora.

Os esforços da comunidade levou a diretoria, da Carbonífera realizarem a doação do terreno. Sendo que essa questão ficou sob a responsabilidade do Sr Fidelis Barato, na época um dos diretores da Companhia. (HISTÓRICO, S/D).

O documento analisado possui o número do decreto de doação do terreno; nº SEF – 19/11/74/nº 1523, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina nº 10.122– p. 03 de 25/11/74. Inicialmente a Instituição, começou a funcionar em Maio de 1974, conforme Decreto E/SEE/07/04/74/nº 441 publicada no Diário Oficial nº 9991 de 20/05/74, p.04. Com as quatro primeiras séries do Ensino de Primeiro Grau. (HISTÓRICO, S/D).

Devido à demanda, a Instituição percebeu a necessidade de obter autorização para o funcionamento das demais séries do Primeiro Grau, 5ª à 8ª Séries, conseqüentemente, até o ano de 1976, a Instituição já funcionava com o Primeiro Grau completo. (HISTÓRICO, S/D)

Segue abaixo a declaração de doação do terreno onde esta localizada a escola Luiz Lazzarin, com data de 13 de Outubro de 1974, onde consta como doador a Carbonífera Catarinense, com a assinatura do diretor Fidelis Barato. Visando doar ao Governo do Estado de Santa Catarina, um terreno tendo como área de 10.502, alberga [sic] também no referido documento a assinatura de duas testemunhas que participaram deste ato.

Figura 6 - Documento de Declaração de doação de terreno.

DECLARAÇÃO DE DOAÇÃO DE TERRENO ONDE SE ENCONTRA
 LOCALIZADO ESCOLA BASICA LUIZ LAZZARIN
 (nome do estabelecimento)

O (s) abaixo assinado (s) Companhia Carbonifera
 (nome, nacionalidade, estado)

Catarinense S.A.-
 civil, profissão)

desejando doar ao Governo do Estado de Santa Catarina, um terreno /
 de sua propriedade onde se encontra instalado a (Escola Basica
 nome do estabeleci-

Luiz Lazzarin
 mento) , localizado à Rua _____
 Nº. _____, na Criciúma
 (nome da cidade, vi
 _____, distrito de Rio Maina
 la, localidade)

_____, município de Criciúma
 _____, neste Estado, com área total de 10.502 m²,
 confrontado ao Norte com terras de Rua Nº 32 e Carlos Colom-
bo, com 120 e 22 m², ao Sul com terras de
Angelo Manenti, com 139 m,
 a Leste com terras de Angelo Manenti
 com 32, 5 m, ao Oeste com terras de Antonio José da
Rôsa e Angelo Manenti, com 76 e 40 m, declara (m)
 estar disposto (s) a proceder à transferência do dito terreno, tão
 logo seja publicado o Decreto do Chefe do Poder Executivo, autori-
 zando seu representante legal a receber o imóvel doado, sem que por
 isso, seja reivindicado, presente ou futuramente, qualquer pagamen-
 to ou indenização por parte do declarante. E, assim de livre e espon-
 tânea vontade, firma (m) a presente declaração, que vai assinada pe-
 rante as testemunhas abaixo.

Criciúma, 13 de Outubro de 1974

Doador (es) _____

TESTEMUNHAS: _____

Fonte: Acervo da Escola

O documento em papel A4 mostra seu tempo e uso. As dobraduras no papel e as perfurações em sua margem direita sugerem a forma como foi arquivada.

Evidencia a falta de conhecimento acerca da sobrevida dos papéis. O documento comprova: datas, pessoas e empresa envolvida na consolidação desse educandário.

O conteúdo apresenta a relação entre empresa e estado. As assinaturas evidenciam o modo como dava-se essa transação. Esse documento é testemunha de um tempo e se apresenta como patrimônio dessa escola.

Percebe-se nos documentos o envolvimento da Companhia Carbonífera Catarinense na doação do terreno, nesse processo de construção da E. E. B. Luiz Lazzarin no bairro Rio Maina. Segue abaixo um pequeno histórico da Carbonífera.

Segundo Carlos Renato Carola a década de ouro para a Carbonífera Catarinense foi em 1940, pois Criciúma estava à frente como a “Capital Brasileira do Carvão”. Na década de 1940 o Brasil iniciou sua “estrutura industrial em bases nacionais” com o surgimento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Para Carola tal como a CSN foi fundamental para a indústria brasileira, para a Indústria Carbonífera Catarinense, ela foi determinante. “A instalação da CSN não só marcou o início da intervenção estatal na exploração efetiva do carvão como também marcou a presença do Estado no processo de venda, distribuição e consumo do carvão.” (CAROLA, 2002, p.18).

A saber, Jucélia Guidarini Ferro em seu Trabalho de Conclusão de Curso destaca que “das oito primeiras empresas Carboníferas que se localizavam no município, duas possuíam concessões nos limites atuais do bairro, as Carboníferas Catarinense e Metropolitana.” (FERRO, 2010, p.18). Sendo que a Carbonífera Catarinense apresentava 70% das concessões, portanto, segundo a autora, foi de suma importância no avanço da economia do bairro e no uso da terra urbana, que iniciou com a construção das vilas operárias.

Pode-se entender que na época a produção do espaço urbano ocorreu a partir da ação da Carbonífera Catarinense, que além de ser a principal empregadora possuía as concessões da exploração das terras, de outros proprietários de terras. De acordo com entrevista com a Sra. Diva Maccarini Scotti, residente em Rio Maina há aproximadamente 65 anos, alguns proprietários cediam suas terras para as carboníferas afim de se tornarem sócios. A Carbonífera Catarinense também passou a agir como promotor imobiliário, pois vendia parte de suas terras para os novos moradores, além de promoverem a implantação dos primeiros loteamentos. (FERRO, 2010, p.23).

Outro documento relicário da escola é (DECRETO, INTITULADO). (1), i tem 8 do artigo 1º do decreto SEE 3 19/02/1974/ nº 133. Emitido pela Secretaria do

Estado da Educação 3) Coordenadoria Regional de Educação 4) Coordenadoria Local de Educação, com data de Agosto de 1974, onde consta assinatura da diretora a Sra. Nanci Meller Ronchi. Tal documento mostra as condições físicas, que compreendia as dependências da escola.

Figura 7 - Documento condições de implantação da escola.

03.Coordenadoria Regional de Educação. Criciúma.
 03.04.Coordenadoria Local de Educação. Criciúma.
 Escola Básica Luiz Lazzarin. 03.04.009.
 Rio Maina Criciúma.

CONDIÇÕES DE IMPLANTAÇÃO...

Letra D (I), Item 8 do Artigo I do Decreto SEE/19.02/74/133.

Nº de Salas	Dimensões	Áreas M2.	Capac. p/turno	Turnos	Matricula Existentes	Nº de classes at
08	8,05 X 6	48,30 m2.	360	01	158	06
			360	02	241	07

a) - Metragem do terreno todo , doado pela Carbonífera Catarinense onde foi construída a E.B. Luiz Lazzarin = 16.502 m2.

b) - Temos ainda: Galpão Coberto, com

- 1) Recreio coberto
- 2) Chuveiros femininos e masculinos
- 3) Sanitários femininos e masculinos com 04 WC e 02 chuveiros
- 4) Depósito
- 5) Apartamento dos Zeladores
- 6) Cozinha

c) - Ala construída p/ Administração com:

- 1) - Biblioteca
- 2) - Gabinete p/Direção
- 3) - Sanitários p/Professores com 02 WC
- 4) - Secretaria
- 5) - Gabinete Médico, Biométrico, Dentário com sanitários

d) - Duas alas com 05 e 03 salas de aula respectivamente e um depósito (De acordo com as fotografias e plantas anexa)

e) - As salas de aula bem arejadas e ventiladas necessitam de cortinas para janelas.

vA

Nanci Meller Ronchi - Resp.p. Direção

Rio Maina, 30 de maio de 1.974

Como mostra a imagem, é possível perceber: a Metragem do terreno, onde foi construída a E. B. Luiz Lazzarin era de 10.502 m²; O Galpão coberto apresentava: 1) Recreio coberto, 2) Chuveiros masculinos e femininos, 3) Sanitários femininos e masculinos com 4wc, 4) Depósito, 5) Apartamento para zelador, 6) Cozinha; Ala construída para administração possuía: 1) Biblioteca, 2) Gabinete para a direção, 3) Sanitários para professores com 2wc, 4) Secretaria, 5) Gabinete médico biométrico e dentário com sanitários. Além disso: Duas alas com cinco e três salas de aula respectivamente e um depósito.

Ressaltam-se também nos documentos a importância da Carbonífera Catarinense em Criciúma e Região, pois a Instituição recebeu o nome de um membro de sua diretoria, isto é, Luiz Lazzarin que em 1942 foi o fundador da Carbonífera Catarinense.

3.1.2 Quem foi Luiz Lazzarin: um pouco da biografia do patrono

Essa fonte analisada não possui a indicação do autor da matéria, bem como, não possui nenhuma assinatura. A fonte é um recorte do Jornal Tribuna Criciumense, do dia 29/11/1975, página 11, que descreve a solenidade de inauguração do retrato de Luiz Lazzarin, Patrono da Instituição de Ensino do distrito do Rio Maina.

Figura 8 - Documento Reportagem de inauguração da foto do patrono realizada na própria escola.



Fonte: acervo da Escola.

Esta solenidade ocorreu na referida Instituição, com a participação da diretora da época Nancy Meller Ronchi, e o padre Francisco Marine da localidade oficiou a bênção. O recorte do jornal aborda a vida comunitária e política de Luiz Lazzarin enfatizando os motivos que o levou a ser patrono desta instituição. Na sequência da página do jornal, há uma biografia de Luiz Lazzarin e por consequência a descrição de seus feitos e cargos ocupados pelo mesmo.

Percebe-se como a biografia de Lazzarin legitima a escolha de seu nome como patrono descrevendo da seguinte forma: “foi escolhido este homem para ser o patrono em virtude dos benefícios que ele prestou ao nosso município, municípios vizinhos e principalmente a localidade de Rio Maina.”

Luiz Lazzarin nasceu dia 20 de Setembro de 1892 na cidade de Florianópolis SC, filho de Antônia Somariva e Miguel Lazzarin, dispendo mais tarde mudar-se para a localidade de Jordão Alto, naquela ocasião município de Urussanga, atualmente Siderópolis. Casou-se com Lucia Osteto e dessa união nasceram: Alberto, Euclides, Ovídio, Névio, Aristides, Elvidio, Nereu, Mafalda e Lídia. Segundo consta no documento Lazzarin efetuou as seguintes atividades:

Foi professor Primário em Jordão Alto, nos anos de 1912 a 1926. Fundou e foi Diretor Gerente da Cooperativa Colonial de Nova Veneza no período de 1919 a 1927. No mesmo ano fundou a casa Comercial “Luiz Lazzarin Ltda.”, da qual foi gerente de 1927 a 1948.

Foi Diretor Gerente da sociedade da Banha Sul Riograndense. Ltda. Na localidade de Mãe Luzia no período de 1935 a 1938. Em 1942 fundou a Companhia Carbonífera Catarinense, da qual foi diretor até seu falecimento, ocorrido em 1973. Durante sua gestão doou ao Governo do Estado, duas áreas de terra sendo a primeira onde esta situada E.B. Padre Miguel Giacca e a segunda, E. B. Luiz Lazzarin.

Ainda foi presidente em 1953 a 1954 da comissão Diretora do Hospital São Marcos de Nova Veneza. Em Maio de 1961 contraiu novas núpcias com Maria Osteto. Candidatou-se e foi eleito vereador pelo partido PSD e assumiu o mandato em 04/12/47 a 31/01/51, logo nesse período exerceu a presidência dos trabalhos da câmara de vereadores de Criciúma.

De Maio a Agosto de 1949 o então e atual prefeito de Criciúma Addo Caldas Faraco teve que se afastar para ocupar-se de questões referentes a indústria do carvão, assumindo o cargo Luiz Lazzarin. “Esta denominação como patrono tornou-se oficial em data de 10/07/74 com a lei nº 5.011 publicada no Diário Oficial de Santa Catarina nº 11.023 de 04/07/74.” (HISTÓRICO, S/D).

Os familiares do Patrono participaram da referida solenidade. A professora Isabel Zimmermann e o prefeito da época Algemiro Manique Barreto², fizeram as devidas solenidades e enaltecimentos a Luiz Lazzarin, que foi descrito como uma figura fortemente atuante em diversos setores da comunidade e região.

Ademais, vale relatar a grande visibilidade que a inauguração do retrato de Patrono da Instituição Luiz Lazzarin teve, pois nesta solenidade estavam presentes figuras influentes na sociedade como prefeito e padre da comunidade.

Essas duas fontes, o histórico escolar, e a reportagem do Jornal Tribuna Criciumense podem ser consideradas como tradicionais, com aspectos políticos, pois faz o enaltecimento da figura de Luiz Lazzarin e seus feitos e cargos ocupados em Criciúma e Região.

² Algemiro Manique Barreto- Prefeito da cidade de Criciúma nos anos 1973-1977.

Pierre Nora (1993) fala do conceito de “lugar de memória”. O prédio escolar situado no Rio Maina faz rememorar a época os lugares as experiências escolares. O grupo ao qual estamos inseridos incita-nos a lembrar de alguns fatos e não outros. Com isso compreendemos que este prédio como objeto de estudos tem uma história que guarda muitas memórias a serem discutidas.

No terceiro capítulo essas memórias serão evocadas por meio das lembranças dos entrevistados, a partir dos registros obtidos com o uso da metodologia da história oral, onde “esquecer também é uma das faces do campo da memória, portanto, estudar o que é esquecido e o que é lembrado parece fundamental para entender o presente.” (FERREIRA, 2012, p.182).

4 A ESCOLA NAS LEMBRANÇAS DE EX-PROFESSORES/AS E ALUNOS/AS

Como vimos no capítulo anterior, o processo de construção da escola se deu através das necessidades sentidas pela comunidade em ter mais uma instituição de ensino, devido o aumento populacional do bairro naquele momento.

Tendo o discernimento da importância das pesquisas em História da Educação para salvaguardar diferentes experiências escolares esse capítulo apresenta alguns dos aspectos educacionais vivenciados na escola de Educação Básica Luiz Lazzarin.

Para alcançar tais experiências utilizei a metodologia da história oral. Portanto, procurei nesse capítulo dar visibilidade as lembranças vividas na escola recordadas por sete entrevistados que relataram tais experiências. Sendo que não tive dificuldades de encontrá-los, pois são pessoas conhecidas no bairro e ainda residem no mesmo.

Assim esse capítulo busca por meio das recordações de ex-professores/as e alunos/as que fizeram parte da história da escola no ano de 1974, apresentar pistas de suas experiências escolares.

4.1 MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: SIGNIFICADOS E EXPERIÊNCIAS

Das professoras que atuaram no educandário em 1974 localizei a Sra. Teresinha Manenti Madeira nascida no dia 27 de junho de 1949 em Rio Maina Criciúma, casada com Sebastião Antônio Madeira e tiveram três filhos. A professora e primeira diretora do educandário Nanci Meller Ronchi nascida em Criciúma no dia 04/06/1941, casada com Paulo Ronchi tiveram três filhos. E também relatou suas experiências à professora Zenaide Savi Mondo Stradiotto que nasceu em Tubarão no dia 28/07/1932, e com dez anos de idade veio morar em Rio Maina com seus pais, casou-se com José Stradiotto com quem teve cinco filhos.

Ao recordar sua atuação na escola de Educação Básica Luiz Lazzarin em 1974, Teresinha Manenti Madeira, recorda o início de sua carreira, e as dificuldades em conseguir lecionar perto de sua residência. Teresinha formou-se como Normalista em 1969 e somente em 1974 conseguiu trabalhar nessa escola.

Então, assim, quando eu ingressei, eu fui longe. Peguei a trabalhar dentro do Estado. em Monte Castelo³, Aí voltei. Fiz remoção a pedido e fui para Esplanada aqui na Içara. Da Içara eu vim pra Boa Vista⁴ e da Boa Vista então eu fiz remoção a pedido, porque eu soube que tinha essa vaga aqui no Lazzarin, então ali foi a minha vida né, eu fui bem recebida⁵.

A professora aposentada recorda que no período em que começou a lecionar nessa escola, trabalhava sempre com o primeiro ano do antigo ensino primário exceto o primeiro ano, que iniciou na escola, onde lecionou para o segundo ano do ensino primário. Com entusiasmo ela relata que sempre trabalhou com alfabetização, pois se sentia realizada porque “tinha aquela criança que nem lápis pegava, e depois no final do ano, tu sentia assim aquele progresso, a criança escrevendo lendo”. [Lembrança de Terezinha Manenti Madeira].

Outra professora foi Nanci Meller Ronchi, ela foi à primeira diretora da escola. Ao recordar sobre o momento em que começou a trabalhar, isso é, o ano de 1974 na escola de E. B. Luiz Lazzarin, trouxe como foi seu primeiro contato com a escola.

Eu morava em Nova Veneza e vinha a Criciúma em reunião de professores, eu e duas professoras e o nosso coordenador local, passando na frente ele disse assim: tu vais ser diretora dessa escola, eu disse assim o senhor tá doido! É tu vai, tu tens capacidade. Tu vais ser diretora desta escola. Passando pela obra! Vendo a obra! Aquilo ali me despertou, chegou a Criciúma ele começou a falar com os chefes maiores tudo, que ele tinha um nome para indicar para ser diretora no Rio Maina. E aí eu fui nomeada, através é claro, sempre em canal político. Era uma coisa inerente, tinha que conseguir através disso, e fui nomeada, fui nomeada Diretora em setenta e quatro. Quando a escola abriu, aceitaram o meu nome. E, eu passei e a influencia política também nesta época entre o governador. [ele] era do mesmo partido político que o meu sogro já tinha sido presidente do partido ali em Rio Maina. Então eu tinha um respaldo bom do Rio Maina. Já começava pela família, começava também pelo seu Fidelis Barato da Carbonífera Catarinense, os padres, porque a gente tinha muito vinculo com a família antigamente era muito ligada a igreja, professora de catequese, essas coisas.

Na fala de Nanci percebe-se a aliança entre a Igreja Católica, a empresa Carbonífera e o Partido Político, determinando quem estaria à frente da educação. Percebe-se que a educação escolar estava submissa aos compromissos partidários, de garantir vantagens para aqueles que apoiavam os partidos políticos. Percebe-se também o vínculo da empresa com aqueles que administravam o Estado e a Igreja abençoando e assinando embaixo dessas decisões.

³ Monte Castelo é um bairro do município de Criciúma

⁴ Boa Vista que a professora se refere, é um bairro de Criciúma.

⁵ Lembrança de Terezinha Manenti Madeira. Entrevista concedida à Elizandra das Graças Luiz Vilpert em Criciúma, dia 14/04/2016.

Vale lembrar que em 1974 estávamos em pleno anos de Chumbo da Ditadura Militar Brasileira e que, a Educação foi uma das primeiras instâncias a ser controlada pelo Regime Ditatorial, pela reforma da primeira Lei de diretrizes e Bases, promulgada em 1961 aos interesses do governo golpista. (ROMANELLI, 2005). Nesse sentido não se podia correr riscos, permitir que uma comunidade elegeesse diretores de escolas, nem pensar! Teriam de ser de confiança daqueles que comandavam as localidades em nome dos governos. Não podemos afirmar se Nanci tinha consciência disso, mas sua família era partidária, e defendia certos interesses.⁶

No entanto, as falas das professoras entrevistadas, não deixam dúvidas acerca da escolha de sua profissão. Elas colocam que se tivessem que voltar no tempo de novo, com certeza seriam professora.

4.1.1 Sobre as práticas pedagógicas

As lembranças das práticas pedagógicas no cotidiano da escola ficaram marcadas nas lembranças das professoras. Uma delas diz respeito aos momentos em que tinham que estabelecer algum tipo de castigo. Quando perguntei para Terezinha Manenti Madeira sobre os castigos, ela com um sorriso de canto do rosto e um suspiro, coloca:

Castigo era interessante, o castigo maior era deixar o aluno sem recreio, mas acontece que ai o castigo era pro professor também, (risos) porque ele tinha que ficar na sala com o aluno, ele não ia deixar o aluno sozinho, tinha né, então ele tinha que ficar ali junto, eu sempre dizia o castigo maior era pro professor, porque ele também ficava sem o recreio.⁷

A professora relembra também como era o recreio. Os alunos não podiam ficar sozinhos sempre uma professora acompanhava as crianças, inclusive participavam das brincadeiras, amarelinha pula corda, brincar de roda. “Fazíamos

⁶ No período de 1971 á 1975 Colombo Machado Salles era o governador do Estado de Santa Catarina, pela aliança renovadora nacional, partido que respaldava o regime militar. E segundo analise do histórico da escola de Educação Básica Luiz Lazzarin, em 1942 a Carbonífera Catarinense foi fundada por Luiz Lazzarin da qual foi diretor presidente até seu falecimento, ocorrido em 1973. Segundo consta no histórico em 1974 Fedelis Barato estava à frente como diretor da Carbonífera Catarinense.

⁷ Terezinha refere-se a ela como professor. Mesmo sendo ela a professora, a força do discurso da época em que colocava em papel menor as mulheres faz com que ela não identifique o gênero que pertence. Como esse trabalho não pretende dar conta dessa discussão deixo apenas essa observação em rodapé, não por negar sua relevância, mas por não ter condições nesse momento de discutir tal conceito.

rodizio no recreio, era um dia de cada para ficar com as crianças” [lembrança de Teresinha Manenti Madeira].

No entanto, para a Sra. Nanci Meller Ronchi algumas dessas experiências foram esquecidas. Pois quando perguntei sobre os castigos ela disse: “Castigos, eu não me lembro muito, e não lembro,[pausa]. Ah, assim eu lembro que as professoras mandavam lá pro gabinete”. [Lembrança de Nanci Meller Ronchi]

Parece que Nanci tem uma vaga lembrança de como tratavam a “indisciplina” dos estudantes. No entanto, sua autoridade é recordada, pois diz que as professoras encaminhavam para o “gabinete”. Essa “vaga” lembrança diz respeito ao que Ecela Bosi coloca quando afirma que recordamos do que tem significado para nós (BOSI, 1994). Podemos inferir que sua autoridade ficou em suas memórias mas, como lidava com os castigos, não, ou não quis narrar, porque talvez não corresponda as leis que foram conquistadas pelas crianças a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, publicado em 1990.

De acordo com Miriam Santos “diversos autores tem argumentado que esquecimento coletivo faz parte do processo de constituição social, uma vez que a memória é compreendida a partir de um processo seletivo que envolve tanto o lembrar quanto o esquecer”(SANTOS, 1993, p.71).

Para esses autores a memória que temos do passado baseia-se estruturalmente no coletivo, sendo que para outros o ato de esquecer ou lembrar faz parte de práticas sociais. A autora compreende a memória enquanto um dos aspectos do processo de construção social.

Também é importante ressaltar que ao trabalhar com rememoração, defrontamos com sentimentos que os entrevistados/as evocam quando relembram: tristeza, entusiasmo e até angustias. Além do cotidiano, havia momentos especiais na escola, como as festas.

4.1.2 Dias de festa na escola

Sobre as festas a Sra. Zenaide Savi Mondo Stradiotto ex- professora da escola lembra.

Nós tínhamos um caderno falavam-se [caderno de] versos. A gente dava pros alunos decorar e depois nas festas, eles eram chamados e declamavam aqueles versos. E pra te provar isso tenho tudo escrito com pena, versos sobre a vovó, Dom Pedro I. Tenho muita coisa guardada, saudades do Brasil, 15 de Novembro. Fazia-se peça porque era a

proclamação da República, não tinha esse negócio de feriado, fazia uma festinha de manhã e depois voltava a dar aula.

A professora apresenta os versos ligados ao patriotismo junto às festas cívicas da escola. O civismo foi uma estratégia educacional associado aos momentos políticos cujos regimes nacionalistas estiveram presentes. Segundo Costa (1973), “através do Decreto- Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969 a disciplina de Educação Moral e Cívica tornou-se obrigatória em todas as escolas do país” (PLÁCIDO p.20, apud, COSTA).

Pode-se dizer que este Decreto-Lei marcou o início de toda uma política educacional, sobretudo em especial de moral e civismo. O mencionado Decreto constituiu um órgão subordinado ao Ministério da Educação e Cultura, Comissão Nacional de Moral e Civismo (CNMC), com a incumbência de promover atividades a favor do ensino da Educação Moral e Cívica.

Segundo o Decreto-Lei nº 869, artigo 2º, uma das finalidades da disciplina de Educação Moral e Cívica era fortalecer o sentimento de unidade nacional, cultivar o patriotismo, símbolos, tradições e os grandes vultos de sua história. Outra finalidade da disciplina de Educação Moral e Cívica era o culto de obediência à lei, da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade, bem como, a preservação do espírito religioso e a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros. (PLÁCIDO, 2011, p. 20).

Segue abaixo um dos versos que a professora guarda com muito carinho junto com outras relíquias. Esse caderno com versos fez parte de sua trajetória como educadora, pois utilizava sempre que possível principalmente nas festas que aconteciam na escola, onde os alunos declamavam para seus colegas. “Os esforços das escolas em divulgar símbolos nacionais, especialmente por meio de festas, tornam-se elementos importantes para a formação do cidadão” (COSTA, VIRTUOSO, p.68, apud, DE DECCA).

Figura 9 - Documento Verso escrito pela professora Zenaide Savi Mondo Stradiotto.

* Terra Brasileira.

Augusto de Lima

Pátria! que tens no nome a rubra cor da aurora
 É no verde pendão, que o globo azul decora
 A eterna primavera, alcanço um vínculo de ouro
 O Cruzeiro do sul guardas, como um tesouro

É a Pátria! ideal, pacífica e altaneira
 O país da aliança; a terra brasileira,
 Na terra brasileira, as aves quando cantam
 Em êxtases de glória as almas se levantam.

É grande e forte, grande, agora e no passado
 De heroísmo e amor, o berço e túmulo sagrado
 É, ao clarão estelar da tríplice bandeira
 Mais de sorrir feliz, ó terra Brasileira

Zenaide S. Mondo - 4º ano
 30-6-1948 (4.6.1948)

A folha de caderno amarelada pelos 40 anos de existência. A letra desenhada com “caneta tinteiro”, o cuidado em mostrar a autoria e o ano. Bem como, o ano que copiou, provavelmente durante sua formação como professora Normalista. Tal artefato apresenta-se como relíquias do patrimônio escolar e materializa políticas educacionais. Enquanto a Sra. Zenaide Savi Mondo Stradiotto relembra dos versos declamados pelos alunos e alunas. Nanci Meller Ronchi também comenta como eram as festas, pelo olhar da direção da escola. No entanto também percebi dificuldade em lembrar tais eventos:

Há! As festas eram feitas, era o foco. As festas que eu me lembro, [pensativa] a gente fazia do dia Vinte de Setembro que era aniversário do Lazzarin, então eram festas maiores, mais elaboradas, assim mais festa bonita, que as mães faziam roupa diferente, e também quanto ao desfile do dia Sete de Setembro.

Para o sociólogo Maurice Halbwachs a memória por mais individual que possa aparentar, seria gerada socialmente. Para esse autor:

Necessitamos da memória de outras pessoas, tanto para confirmar nossas próprias recordações, como para dar a elas legitimidade. Nossas lembranças só existem em relação às lembranças que existem em torno de nós. Se elas são coerentes e contínuas é porque os homens, que não são seres isolados, as constroem em relação direta ou indireta com outros homens (SANTOS, 1993, p.75, apud, HALBWACHS).

Das memórias desse período, Teresinha Manenti Madeira retira de como eram “maravilhosas” as festas, enfatiza as festas juninas, pois tinha a participação dos pais e da comunidade.

Fazia-se aquelas festas à noite, os pais participavam, se fazia as gincana pra angariar fundos, uma maravilha as festas, eu tenho saudade desse tempo, porque hoje tu não vê mais festa junina na escola tá, aí depois mais tarde se começou fazer nos domingos, nos Domingos à tarde, então se fazia aquela festa bonita, os pais participando, tudo maravilhoso mesmo, hoje tu não vê mais se tem festa na escola, porque acabou! Não dá mais pra fazer né.

Nessa pesquisa a escola se apresenta na vida das pessoas entrevistadas como um dos espaços de sociabilidade, bem como um lugar onde tinham regras a obedecer. Segundo seus relatos passavam por momentos de disciplinas, e também revelaram as práticas utilizadas para a obediência aos professores, como veremos a seguir com as memórias de ex- alunos/as.

4.1.3 Castigos e avaliações nas lembranças dos ex-alunos/as

Muitos alunos/as enfatizaram a importância da construção desse educandário para a comunidade do Rio Maina. Dona Roselia Ugioni da Silva, que foi aluna, disse lembrar-se de seu primeiro contato com a escola, pois estava muito feliz, porque era uma escola recém-construída e organizada lembra que havia disciplina entre alunos/as e professores/as. Sempre antes de começar a aula já dentro da sala era feita uma oração. “os professores tinham autoridades com os alunos e os alunos respeitavam”. Sobre a questão autoridade Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* o autor coloca que “não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se sabe com quem esta falando”(FREIRE,2013, p.36), então a autoridade dos professores passaria por uma compreensão melhor dos alunos frente ao entendimento do que é certo. Rosélia relembra ainda o famoso livro negro, quando o aluno não obedecia tinha que assinar. “todos temiam”.

O Sr. Defendi Croti comenta: “Há, na verdade o meu primeiro contato com a escola foi já na fase em construção né que o meu pai levava a gente lá pra ver, desde a primeira pedra que foi colocada”. Ao buscar os castigos que eram aplicados em seu tempo o ex-aluno, recorda-se de como eles foram mudando: “Castigo era cheirar a parede, mas tinha a régua, reguada no dedo”.

O entrevistado relatou também que os alunos passavam por momentos desagradáveis. Suas dificuldades de aprendizagem, eram considerados erros e esses “erros”, eram corrigidos com esses castigos físicos. Por um simples erro podiam sofrer com uma reguada.

Nas lembranças do Sr. Arilto da Silva um pequeno comentário dos castigos:

Castigo assim ó, que eu me lembro de aqui, eu não me lembro de nenhum castigo, só me lembro lá da São Marcos, [São Marcos é o bairro onde morava antes de vir para o Rio Maina] na primeira série, que era muita bagunça e a professora fechou a sala e saiu e eu comecei a chorar, eu tinha seis anos, e aí ela voltou, há daí foi uma chacota geral, e aqui [esta se referindo ao Lazzarin] de castigo, não me recordo assim desse detalhe .

Percebe-se que algumas lembranças marcam mais, enquanto outras ficam no esquecimento, pois a “memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados á

luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (FERREIRA, 2012, p.175. apud, VILANOVA, 1994).

O momento de falar das avaliações nas lembranças da Sra. Auzelia da S. Backi, ex- aluna foi com entusiasmo, pois, guarda consigo seu histórico escolar do ensino de primeiro grau:

[...] a gente aprendia, aprendia muito, a gente aprendia bastante, e as notas, as notas eram assim diferente, não era igual agora, as notas eram por avaliação, não era por nota assim, avaliação do desempenho do aluno né, por exemplo no meu ultimo bimestre, vamos supor a língua portuguesa tinha uma boa aprendizagem né, na educação física eu gostava de desenhar, era assim, não era por nota , e na educação física tinha boa participação, na integração social, que era, que não é igual agora, conhecia a região sul, a ciência tinha noção básica da higiene, pra ti ver como era a avaliação, matemática bom raciocínio né, e a religiosa era fazer boas orações, e no final eu fui com noventa e oito por cento [entusiasmo] a avaliação, era assim.

Nas reminiscências dos entrevistados e entrevistadas as avaliações não tiveram lembranças angustiantes. A recordação do Sr. Arilto da Silva mostrou como eram as disciplinas:

Disciplina! Olha, eram aquelas né, História, Geografia, Moral e Cívica, tinha Educação Física, que se eu não me engano era a professora Zenira, ou Zenir, nunca me esqueço, morava ali perto da Catarinense, tinha o professor Ribeiro que depois jogou no catarinense, falecido Geovani também dava educação física, que pra mim acho não mais pra maioria dos alunos era a melhor aula, porque brincar na rua é a melhor coisa que tem né, e me lembro de uma professora que tinha um passat, não me lembro agora qual era a matéria dela, mas lembro assim vagamente da fisionomia dela.

Das lembranças de nossos entrevistados/as sobre como foram alfabetizados, destaca-se o uso de cartilhas. Como relata Defendi Croti: “Era a cartilha, era só a cartilha, e ai a escola emprestava, ficava de um ano pro outro.” Das memórias desse período, Arilto da Silva destaca: “Olha! Tinha bastante livro, tinha biblioteca né, eu não lembro se era nesse ano que aproveitava os livros de outras turmas.”

As experiências apresentadas neste capítulo não estão isoladas de outras experiências de professores e estudantes do mesmo período no Brasil. Período em que a educação tradicional ainda exercia a hegemonia e as práticas pedagógicas eram baseadas no ler, decorar, repetir e nos castigos morais e físicos. Assim, a EEB Luiz Lazzarin apresenta-se como parte de um todo na história da educação. No entanto, para quem a vivenciou na condição de professor/a ou de aluno/a foi sua experiência particular que fez a diferença.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo apresentei os conceitos de Cultura Escolar, Memória e Identidade e também mostrei a história local onde está inserida a escola de Educação Básica Luiz Lazzarin, qual seja, bairro Rio Maina, Criciúma – SC.

Penso que alcancei o objetivo de valorização da história da escola e assim motivar a educação patrimonial junto à instituição trabalhando com relações de pertencimento referente aos fragmentos de seu passado.

Pude perceber ao conversar com ex- alunos/a e ex- professores/as o quanto era importante contar as histórias sobre a instituição. Eles queriam ser ouvidos, e foi com satisfação que pude me transportar para aquele tempo, e imaginar como eram as relações, as formas de ensino as angústias os medos às alegrias, desse modo consegui de certa maneira fazer parte desse passado.

É importante ficar atenta a cada detalhe rememorado pelos entrevistados, pois “o historiador não tem o monopólio sobre a memória, mas ele detém instrumentos para lidar com a pluralidade e a fragmentação dela” (FERREIRA, 2012, p.184). Sendo que ao lidar com vestígios não se consegue recolher maiores feitos, procura-se o que de fato foi deixado de lado os fragmentos, os retalhos, que a primeira vista não possuem importância alguma.

Como menciona Marieta de Moraes Ferreira (2012) é um trabalho sobre o terreno da memória, mas próprio à história. Portanto compreendemos um pouco mais a respeito do funcionamento do cotidiano escolar, de detalhes que tiveram importância para nossos entrevistados.

Vale ressaltar que os objetivos propostos nessa pesquisa foram alcançados. Consegui compreender por meio dos relatos dos entrevistados, bem como com análises feitas no acervo da instituição os processos que envolveram a criação da escola de Educação Básica Luiz Lazzarin no ano de 1974.

Mostrei um pouco da história do bairro onde está localizada a escola, as relações, o cotidiano dos sujeitos que viveram essa época. Apontei também algumas questões políticas que permearam por diversos momentos essa pesquisa. Em contrapartida a comunidade sempre atuante fazendo frente a questões em benefício e melhorias a comunidade do bairro.

Portanto esse TCC se apresenta como uma contribuição para a história local refere-se principalmente ao campo da história da educação. Acredito que este trabalho venha contribuir para futuras pesquisas referente ao tema abordado.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Vera M. A. T. "**Memória viva, cidadania ativa**", **Kairós – Caderno Temático 3**. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia - PUC. São Paulo: Educ, 2005, p. 19-50.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**, 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

_____. **Objetos biográficos e objetos de status**. In: BOSI, Eclea, o tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. P. 25-28.

BORTOLOTTI, Zulmar H. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: loesc, 1992. 339 p.

CAROLA, Carlos R. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 262p. II.

COSTA, Marli de O.; VIRTUOSO, Tatiane dos S. Alunos e alunas nos retratos escolares. (in) [Giane Rabelo, Leila Lourenço (Org.)] **Das memórias á história: a trajetória da Escola Pública Municipal "Padre Jose Francisco Bertero"**. Criciúma, ED. Unisc. Santa Cruz do Sul, 2010, p.65-78.

CHAVES, Miriam. Um estudo sobre a cultura escolar no Rio de Janeiro dos anos de 1930 pelas lições de história. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas- SP, n. 11, p. 71-100, jan./jun. 2006.

DE DECCA, Edgar S. **Memória e Cidadania**. In: São Paulo (cidade) Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do patrimônio Histórico. O Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/ DPH. São Paulo, DPH, 1992. p. 129-136.

FERRO, Jucélia G. **Evolução da ocupação Urbana do bairro Rio Maina no Município de Criciúma/SC**: produção e desenvolvimento do uso da terra Urbana. 2010. 34f.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á Prática Educativa**; 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.143p.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, n.1, p.9-44, Jan/Jun. 2001.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Ed Contexto, 2007.169 p.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. (Trad. de Yara Khouri) PROJETO HISTÓRIA/10- PUC/SP, 1993. p.728. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em: 03 de out. 2016.

OSTETTO, Lucy C. **Nova Veneza na primeira metade do século XX: quadros de memórias retratos de famílias.** Florianópolis: Ed. Letras contemporâneas, 2014. 120 p.

PAIM, Elison A.; RABELO, Giane; COSTA, Marli de O. **História, educação e cultura escolar.** Chapecó: Argos, 2012. p.300.: 23cm.- (Regionais; 6)

PLÁCIDO, Gilmara D. **Experiências estudantis inscritas nas atas dos centros cívicos: Santa Catarina (1967-1992).** 2011.44f.

ROMANELLI, Otáiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 193-227

RONCHI, Flavio. **O Imigrante.** Rio Maina (Criciúma - SC). Ed. Persona, 1990. 92 p.il.

SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Revista Brasileira de ciências Sociais, ANPOCS.** São Paulo, n.23, ano 8, p. 70-71, 1993.

SAMARA, Eni de M.; T. TUPY, Ismênia S. S. **História e Documento e metodologia de pesquisa.** 2 ed. Belo Horizonte: Ed Autentica , 2010.168 p.

VIRTUOSO, Tatiane dos S. O bairro e a escola. (in) [Giane Rabelo, Leila Lourenço (Org.)]. **Das memórias á história: a trajetória da Escola Pública Municipal “Padre Jose Francisco Bertero.”** Criciúma,ED. Unisc. Santa Cruz do Sul, 2010, p.11-23. Disponível em: <http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/>. Acesso em: 03 out. 2016.

Fontes documentais

DECLARAÇÃO DE DOAÇÃO DO TERRENO. E. E. B. LUIZ LAZZARIN. RIO MAINA-CRICIÚMA. SC, 1974

DECRETO INTITULADO. C. E. E. B. LUIZ LAZZARIN. RIO MAINA- CRICIÚMA. SC, 1974.

HISTÓRICO ESCOLAR E. E. B. LUIZ LAZZARIN. RIO MAINA- CRICIÚMA. SC- S/N.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE. PUBLICADO DIA 29/11/1975, P. 11.

RELATÓRIO ANUAL E. E. B. LUIZ LAZZARIN. RIO MAINA- CRICIÚMA. SC, DEZEMBRO, 1977, P.03-37. RELAÇÃO DO CORPO DOCENTE.

Fontes Orais

Arlito da Silva ex-aluno da escola. Nasceu em 28/03/1963, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 12/08/2016, em Criciúma/SC.

Auzelia da S. Back ex-aluna da escola. Nasceu em 18/02/1962, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 20/06/2016, em Criciúma/SC.

Defendi Croti ex-aluno da escola. Nasceu em 18/05/1967, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 14/05/2016, em Criciúma/SC.

Nanci MellerRonchi a primeira diretora da escola em 1974. Nasceu em 04/06/1941, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 22/03/2016, em Criciúma/SC.

RoséliaUgioni da Silva ex-aluna da escola. Nasceu em //19, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 26/08/2016, em Criciúma/SC.

Teresinha Manenti Madeira ex-professora da escola. Nasceu em 27/06/1949, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 14/04/2016, em Criciúma/SC.

Zenaide Savi Mondo Stradiotto ex-professora da escola. Nasceu em 28/07/1932, em Tubarão/SC. A os dez anos de idade mudou-se com a família para a cidade de Criciúma. Entrevista concedida a Elizandra das Graças Luiz Vilpert, em 23/03/2013, em Criciúma/SC.

ANEXO(S)

ANEXO A – Fichas de autorização das entrevistas

Autorização

Eu Reúlia Osioni da Silva
Identidade 3.941649 autorizo a entrevista concedida a
..... para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Reúlia Osioni da Silva

Assinatura

Criciúma, 26 de Agosto de 2016.

Autorização

Eu Terezinha Manenti Madeira
identidade 334.485 autorizo a entrevista concedida a.
..... para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

T. Madeira

Assinatura

Criciúma, 14 de Abril de 2016.

Autorização

Eu Diferid. Gatto
identidade 2.809.530 autorizo a entrevista concedida a.
..... para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

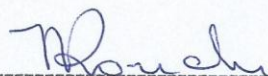
Diferid. Gatto

Assinatura

Criciúma, 14 de Maio de 2016.

Autorização

Eu Nanci Meller Ronchi
identidade 137233 autorizo a entrevista concedida a
..... para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

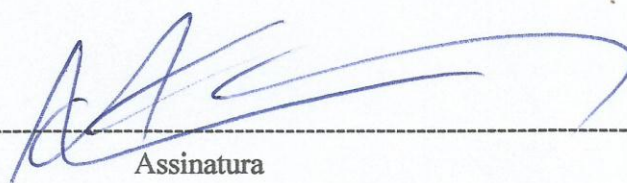


Assinatura

Criciúma, 22 de Março de 2016.

Autorização

Eu..... ARILTO DA SILVA.....
Identidade... 2368231..... autorizo a entrevista concedida a.
..... para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.



Assinatura

Criciúma, 12 de Agosto de 2016.

Autorização

Eu..... *Anzelia da S. Back*
Identidade.. *2.572.315* autorizo a entrevista concedida a.
..... para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Anzelia da S. Back

Assinatura

Criciúma, 20 de Junho de 2016.

Autorização

Eu Zenaide Savi Mondo Stradiotto

Identidade 332.166 autorizo a entrevista concedida a

Aline Oliveira Gonçalves e Elizandra das Graças Luiz para ser utilizada em pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Assinatura Zenaide Savi Mondo Stradiotto

Criciúma, abril de 2013.